

PÉ NA JUTA

Edição 1 - julho 2017





QUEM FEZ?

**Presidenta Associação
União da Juta**
Maria do Carmo da Silva

**Gestora Ponto de
Cultura Periferia Preta**
Thais Oliveri

Produção Cultural
Cássia Caneco e Verônica Vieira

DA REVISTA PÉ NA JUTA

Direção de arte

Kako Arancibia

Projeto Gráfico

Anna Julia Kairoff; Gustavo Rodrigues;
Italla Ferreira; Isabela Duarte;
Jackeline Gois; Julia Graci;
Nathália Ferreira e Sharliane Keline
com orientação de Kako Arancibia

Fotografia

Verônica Vieira

Textos

Anna Julia Kairoff; Cássia Caneco;
Isabela Duarte; Jackeline Gois;
Thais Oliveri

Colaboradores

David Ferreira (Mídia Ninja);
Giuliana Lavoratto; Gustavo Rodrigues;
John Halles; Natali Silverio;
Nelson Kon; Usina CTAH

Juta meu lugar.
Juta meu espaço
Me disseram que nasceu,
de uma morte
por acaso
Construída, tijolo por tijolo.
Entre garfos, brigas e chão.
Nasceu a juta meu irmão!
Chegava gente de todo lado
Querendo o seu espaço...
Gente sem papel e sem assinatura
Não se habitavam,
RÁ se habituum".
(Criação Coletiva ZOOOOM)

CULTURA FAVELADA

*Pê esquerdo;
Pê cansado;
Pê inchado;
Pê rachado;
Pê descalço;
Pê no barro.*

É com muita alegria que compartilhamos com vocês a implantação, trajetória e resistência do Ponto de Cultura Fazenda da Juta. Somos trabalhadoras da Cultura!

Pretas, mulheres, crianças, faveladas, homens, bixas, funkeiras, brancos, operárias, indígenas, mão-de-obra, sapatão, futebol, samba, traves-tis, violências, pobres... Dewntre tantas coisas, somos filhas da terra vermelha. Somos da luta-Juta.

#Contra o Desmonte na Cultura
#Cultura Periférica Resiste
#Juta Vive

Thaís Oliveri
GESTORA CULTURAL





JUTA, VITÓRIA EM LUTA

Texto: Cássia Caneco

*Neste lugar a prática
cidadã germina em solo
fértil, quem pisa aqui
logo põe reparo.*

Hoje as casas, as gentes, a terra, celebram batalhas vencidas, mas há muito tempo atrás só tinha lama e a vontade da especulação. Foi preciso que um povo que não dormia no ponto porque não dava, gente que, como a gente, pegava busão, batia cartão, acordava ouvindo rádio AM, se organiza-se em mutirão.

As ocupações na Fazenda da Juta começaram na década de 70, aumen-

taram de verdade no final de 1980 e aconteceram de muitas maneiras. Recém-saídas da ditadura militar, medidas num tempo que como agora os direitos se perdiam num estalo, centenas de mulheres vestiram-se de indignação e valentia, arregaçaram as mangas, por ideal e por carência pra brigar por moradia digna. Ah, eu não tinha dito que esse bairro, e toda a luta por moradia foi, e ainda é, construída por mulheres, né?

Pois está dito!

Elas, com seus jeitos improvisados pela necessidade, jeitos diferentes do convencional que lutavam por política urbana e habitacional mediadas pelo Movimento Sem Terra Leste 1, jeitos mediados pela igreja, pelo poder público, jeitos ainda nem classificados que construíram o orgulho dos



Vista das obras durante o Mutirão União da Juta em 1992

Trabalhadoras mutirantes no Centro Comunitário da Juta durante as obras do mutirão nos anos 90, o local atualmente abriga a Associação União da Juta



filhos da juta, os filhos do barro.

De toda maneira posta importa pouco o meio, todo mundo quando conta hoje divide coisa de enrolação, de promessas não cumpridas, de violências, de direitos negados e da força de luta necessária pra vencer tudo isso.

Enquanto um lado da juta era demarcado pelas próprias famílias o outro se fez através de mutirão e autogestão. E foi no canteiro de obras de um desses mutirões que nasceu a Associação União da Juta. Como a demanda vinha da necessidade, se tinha uma coisa que o povo não fazia era dormir. O movimento das mãos crecheiras tava logo cedo no sereno batalhando vaga para os filhos na creche, criança crescida era curso de formação que fazia falta, de tijolo em tijolo um direito assentado.

Um conjunto de 160 unidades habitacionais e um centro comunitário foram levantados por mutirão e com autogestão.



Em 1990 inciam-se as obras do Mutirão 26 de Julho

O PONTO DA JUTA

Texto: Isabela Duarte e Jackeline Gois com Anna Julia Kairoff

Fotos: Verônica Vieira

Muito trabalho até chegar a hora da formatura das agentes culturais





Hélio Menezes dá aula aberta sobre *Imagens de Brasil: Arte, Raça e Gênero na Formação da Identidade Nacional*

Olá, bom essa história
será contada por ...
Você!
Vamos do princípio,
E foi:
Foi curiosidade,
Vontade,
Uma nova fase,
Necessidade,
Uma descoberta para uns
E um passatempo para outros
Com folhetos,
Internet,
Boca a boca
Que a comunicação chegou
E o ponto de cultura começaram.

Era apenas de quarta quinta e sexta,
das 13h às 16h. E foi aí nesse pe-
queno tempo que as nossas mudan-
ças começaram...

Mudanças

No olhar,
Nas ações
Nas decisões,
No respeito ao outro,
Na educação,
No espaço
Na fala,
Completamente em tudo!



E iniciou com as valiosas aulas de Wilson sobre Comunicação, onde via-
jando no tempo era possível perce-
ber as falhas na história, as culturas
desvalorizadas, os povos e pessoas
esquecidas com o passar do tempo.

Jonaya chegou para nos ensinar a
mapear nosso bairro, através de pes-
quisas conhecemos mais nossa re-
gião e as pessoas que nos cercam to-
dos os dias com diferentes assuntos.

Pagando de
gatinhas na
Praça dos
Sonhos



Juventude favelada é protagonista da história e resistência da Juta

Acima, aula de Cultura e Capitalismo com Laís Borges

Ariane foi grande responsável por ampliar o nosso olhar para as coisas que antes eram pequenas e agora elas são enormes, as aulas de fotografia marcaram todos apesar da técnica começamos a enxergar vida na nossa Periferia.

João nos deu uma das lições mais importantes para vida, ele nos ensinou a sermos organizados e também a como modificar uma foto em um belo programa chamado Photoshop, usamos ele também para a produção de folhetos e começamos as divulgações do nosso primeiro evento na Fazenda da Juta.

Cine Juta chegou e foi um sucesso, o intuito do evento foi arrecadar fundos para ajudar na campanha “Doe um real, e faça a diferença”, que pertencia a Associação União da Juta, que poderia deixar de existir se não

adaptassem seu espaço físico. Assim estimulamos as pessoas a saírem de suas casas e aproveitar um sábado à noite aconchegante assistindo um filme com o preço bem acessível.

Nosso segundo evento foi o “Grito Cultura”, o intuito do evento foi ocupar e dar visibilidade a Praça dos Sonhos, trazendo muitas brincadeiras externas como: gincanas com as crianças, campeonato de queimada, pinturas faciais e muita música.

Thiago chegou para nos dar aulas de escrita de projetos, para assim realizarmos futuros sonhos, com muito amor ele também nos forneceu aulas de eventos, assim nos aconselhando e nos fortalecendo. E para finalizar esse primeiro ciclo do projeto, realizamos o “Periferia Preta” que tem o intuito de expor a cultura negra e



Mini zine criado no curso



Estudando paletas de cores, tipografias, e projetos gráficos de revistas com Kako Arancibia



periférica dentro do bairro, trazendo muitas oficinas, grafite, shows, dança e rodas de conversas.

Com muita força e determinação conseguimos realizar todos os nossos objetivos do ano de 2015, mas sabíamos que a caminhada ainda não tinha acabado, estava na hora de recarregar as energias e voltar com toda garra possível.

Mais um ano começou, novos desafios, novas lições, novas pessoas...

2016 foi um ano de muitas mudanças, dificuldades, resistência e criatividade. Isso porque de cara tivemos que mudar de espaço, foi por uma boa causa: fizeram o Centro Dia para Idosos, é bem acolhedor. Mas é ruim sair de um lugar que gostávamos tanto e ter que ir pra outro, o bom é que pessoas da nossa comunidade tão generosas cederam um lugarzinho pra que nós continuássemos com as nossas aulas.

Houve também o impeachment da nossa Presidenta Dilma Rousseff, ou melhor dizendo: um golpe. Enfim, diversos fatos ruins aconteceram, mas vamos focar mais no Ponto. Então, o Ponto deixou de receber a sua verba e acabou adiando as nossas oficinas. Fomos tocando da melhor forma, começando pelo mapeamento dos artistas do bairro, fizemos entrevistas

com eles, foi bem bacana!

A nossa primeira oficina desse ano foi a de Videomaker com o Tiago Prado, que era um “aluno” e virou nosso “professor”. Aprendemos alguns truques da câmera e o tripé, a magia do cinema, dos efeitos, do trabalhão que dá pra gravar/editar vídeos. Infelizmente por problemas pessoais dele, teve de nos deixar como educador e aluno. :s

Tivemos uma única aula maravilhosa sobre Cultura e Capitalismo com a Laís Borgon. Foi muito interessante saber o que é cultura, o que a elite considera como cultura, o que a civilização e as indústrias tem haver com isso.

Algum tempo depois, podemos voltar com as nossas aulas de Videomaker, não com o Tiago, mas com a nossa jovem Natali Silvério. Ela é um amor e muito paciente, nos ensinou na teoria e na prática como editar vídeos. Nosso TCC foi: gravar, editar e apresentar um jornal. Nos separamos em pequenos grupos e temas, todos eles ressaltando coisas do nosso bairro, criando assim o “Foca na Juta”.

Com o Hélio tivemos aula de Raça,

Classe e Gênero na Formação da Identidade Nacional. Diria que foi uma expansão da aula do Wilson e uma viagem no tempo. Aprendemos coisas que todos deveriam saber, ajudaria muito no quesito “preconceitos”.

Kako Arancibia foi o nosso professor de Design Gráfico, conhecemos o mundo das revistas, cartazes, tipografias, cores, modelos, papéis. Aaaah... os papéis. É impressionante visualizar e sentir a diversidade que existe e como é possível transmitir mensagens através desses materiais. Baseado nas coisas que aprendemos na aula dele, inicialmente fizemos um zine falando sobre coisas relacionadas ao Ponto de Cultura e depois montamos juntos o cartaz digital do Periferia Preta 2016.

A partir da descrição de 2015 sobre o Periferia Preta, todos vocês já sabem qual o intuito e a importância desse projeto. Na segunda edição algumas de nós se sentiram ainda mais próximas e satisfeitas por fazer parte de algo que beneficia e enaltece artistas periféricos, isso não tem preço!

Aula de teatro com a gestora Thais Oliveri





Gravação
do Jornal
Foca na Juta
na aula de
VideoMaker
com Natali
Silverio

As nossas educadoras fixas, as meninas super poderosas são: Thaís Oliveri nossa gestora, estava com a gente desde que tudo começou; Verônica Vieira sempre esteve com a gente, mas em 2015 era indiretamente; Cássia Caneco entrou em 2016 sabendo que receberia depois, por causa da ausência de verba. Que lindas! Juntas, as três nos ensinavam o que era coletividade, trabalhavam a nossa postura, a nossa leitura, o nosso olhar e a nossa criatividade. Resumindo elas faziam com que a gente colocasse em prática tudo que íamos aprendendo ao longo do curso.

Durante esses dois anos, entraram e saíram pessoas, as quais vieram pra somar e fazer falta. E como tudo na vida, as coisas uma hora ou outra tem que acabar. O nosso curso chegou ao fim, mas tudo que adquirimos durante a nossa permanência, iremos levar adiante e com uma eterna gratidão a todos que fizeram parte disso.



ROLÊ ZINHO

Bater perna pra descobrir cada canto escondido e às vezes escancarado, mas invisível por conta do olhar cansado, a caça de cliques, dos artistas locais, dos coletivos parceiros, das doações, nos foi tarefa constante. No mapa tem história e tem afeto. Tem os serviços e um bocado das nossas pegadas impressas.

Rua Antônio de França e Silva

Córrego do Oratório

Avenida Sapopemba

Rua Oratório





Encontre-se

- 1 C.E.U Rosa da China
- 2 Escola Municipal Rodrigues de Carvalho
- 3 CIEJA
- 4 CCA Casa São Pedro
- 5 EMEI Eder Sader
- 6 Escola Estadual Valdir Fernandes Pinto
- 7 C.E.U Dora Mancini
- 8 Instituto Daniel Comboni
- 9 CCA Vivarte
- 10 UBS Juta I
- 11 CCA Semeando Esperança
- 12 Cantinho da Paz
- 13 Ponto de Cultura Fazenda da Juta
- 14 E. E Jandyra Vieira Cunha Barra
- 15 E.E República da Nicaragua
- 16 ETEC Sapopemba
- 17 Fábricas de Cultura Sapopemba
- 18 Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - Leste 1
- 19 Associação União da Juta
- 20 Benigna's Barbershop Tatto
- 21 Sede AEC Juta Três
- 22 E.E Fazenda da Juta VI
- 23 UBS Fazenda da Juta
- 24 Praça dos Sonhos
- 25 E. E Joaquin Suarez
- 26 EMEI Alfredo Volpi
- 27 Telecentro 26 de Julho
- 28 Associação 26 de Julho



JUTA PRETA



A galera se reuniu na Fazenda da JUTA em dias de efervescência cultural preta: muito movimento e som com shows, DJs, danças, debates, filmes, tramos artesanais e muito mais





Crianças da quebrada
se divertindo ao som
de *Menina Pretinha*
de MC Soffia

Texto: Thaís Oliveri

O Coletivo Periferia Preta em parceria com o Ponto de Cultura Fazenda da Juta realizaram no bairro duas edições do *Festival Periferia Preta* no ano de 2015 e 2016, o festival acontece sempre no mês de Novembro como resistência a Consciência Negra. O festival nasceu de encontros de moradoras, artistas, educadoras, produtoras e agentes culturais preocupadas com o processo de formação da representatividade

e do empoderamento negro do bairro. Criando um espaço comunitário para a construção e transformação do imaginário coletivo a respeito das manifestações artísticas e periféricas. Fomentando a cidadania, convivência e valorização das moradoras com a Juta. Visamos a construção de novas narrativas onde a população preta e periférica reconheça a força de suas origens e sua potência de criação artística, intelectual e cultural.

O Bairro Fazenda da Juta é palco do Festival Periferia Preta

FOTOS: 1,2 VERÔNICA VIEIRA; DEMAIS FOTOS DE DAVID FERREIRA/MÍDIA MINHA





Sarau, Rodas de Conversa, Cine debate e Shows. Isso é Periferia Preta!

Sendo assim no ano de 2015 o coletivo resolveu colocar em prática todos os sonhos e desejos. A primeira edição foi custeada por muitas parcerias (Subprefeitura de Sapopemba, Juliana Cardoso) e das moradoras do bairro. E foi com pouco dinheiro mais com muita vontade que o I Festival Periferia Preta aconteceu. Com múltiplas manifestações artísticas, políticas e (per)formativas das regiões de São Matheus, Guaiunases, Santo André, Cidade Tiradentes, Poá, Parelheiros e Grajaú criando uma rede de articulação com as quebradas vizinhas colocando a Fazenda da Juta, bairro histórico de luta, no circuito cultural e periférico.

Foram três dias com uma programação carregada de resistência periférica.

ca. Cine Juta (Curtas: *Meu Guri*, *Número Série* e *Vida de Carolinas*), Rodas de Conversa, Oficinas (Turbante, Dança, Bonecas Abayomis entre outras), Shows (Rubi, As Trinca, Liniker, Luana Hansen e Drika Ferreira, Suprema Reflexão e outras), DJs (Beto Premier, Tainara Ribeiro e Rodz), Rádio Mafuá e para finalizar com muita lacração o espetáculo *É pra copiar ou rescrever?* de Coletivo Zooooom.

No ano de 2016 a o festival teve apoio financeiro do Ponto de Cultura Fazenda da Juta, através do edital Cultura Viva. A ação do *Periferia Preta* foi antecipada e iniciou no mês de maio com a oficina babadeira de Wacking e Voguing com Félix Pimenta, a sala de dança do CEU Rosa da China ficou pequena. Já no mês de agos-

Acima: aula de Breaking a céu aberto, a arte periférica ocupou o seu espaço

E Liniker Barros e Rubi encantaram os corações num domingo chuvoso em 2015

Liniker e os Caramelows passaram aqui na Juta para nos dar um xêro



to aconteceram aulas abertas com a temática *Imagens de Brasil: Raça, Gênero e Classe na Construção da Identidade Nacional* com Hélio Menezes que encorajou os produtores a planejar o tão esperado *II Festival Periferia Preta*.

A segunda edição foram três dias de atividades culturais e pretas na Juta. O *Sarau da Juta* foi numa sexta à noite (25/11), e despertou novos talentos e a favela virou microfone para as poesias marginais. No sábado pela manhã em parceria com Coletivo Zooooom aconteceu *Espaço aberto para diversidade sexual e de gênero na periferia* com a temática: *Hipersexualização da mulher preta - Auto Estima da Mulher Preta e Gorda* com Fernanda Gomes. No mesmo dia o *Cine Juta* recebeu o filme *Nossa História Invisível* do coletivo Representapreta.

Mas no domingo ocupamos novamente a Praça do Sonhos, como palco da resistência preta e favelada.

O Eureka, o Eureka vem aí, para as estruturas do Estado sacudir

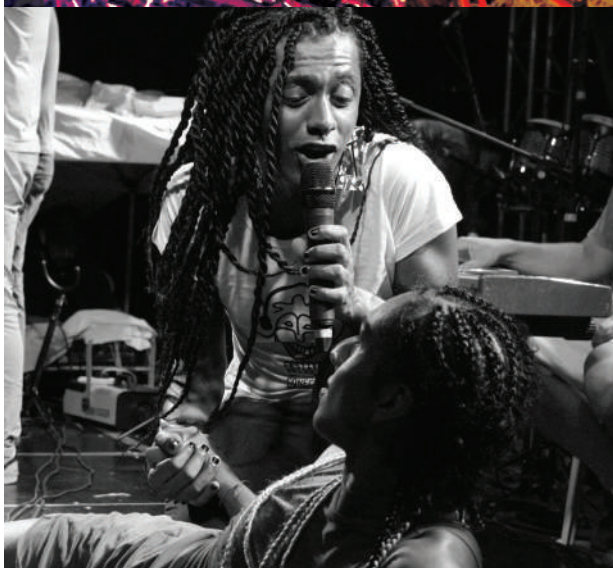


Embalanço Samba Rock mandando ver no som



Ravenas arrasando com o rabetão



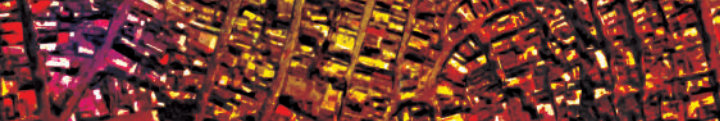


Linn da Quebrada (no topo da página) marcou presença nas duas edições da Periferia Preta mostrando que ser bixa não é só dar o cú, é também poder resistir / Liniker e Linn dividem o palco ao som de Lina X / Drika Ferreira e Luanna Hansen arrasaram com o RAP Feminino e Sapatão / Ao lado, a galera se delicia com os produtos da 1ª Feira de Afroempreendedoras da Fazenda da Juta

"OS PRETO
É CHAVE,
ABRAM OS
PORTÕES!"
(Rincon
Sapiência)



©2



Onde aconteceu a I Feira de Mulheres afro empreendedoras na Fazenda da Juta, valorizando os tramos das manas pretas com preços acessíveis para a comunidade. Teve muita música e a Juta estremeceu e dançou até escurecer (a noite, a pele). Foi o segundo ano consecutivo que a periferia do extremo leste de Sampa toma o que lhe tem de direito: acesso à cultura e arte que fale da favela e para ela.

A cultura da cidade está sofrendo um desmonte desesperador, e como trabalhadoras culturais, pretas e periféricas seguem resistindo para que o festival siga acontecendo com qualidade e financiamento público.

A Juta é Preta!

Nosso Ponto de Cultura se batiza as águas da beira rio, na Praça dos Sonhos e a partir de agora nosso nome e identidade é Ponto de Cultura Periferia Preta.

Seguimos lutando!

Cia de
Dança EH2
arrasando
mais uma vez
na Periferia
Preta



DJ Tai
(acima) e DJ
Beto Premier
mandaram
ver no som



LUTA SE FAZ COM PARCERIA

Conheça um pouco as parcerias que andam junto e que sempre fortalecem



1 COLETIVA LUANA BARBOSA

Reunidas desde 2016 após o assassinato da Luana pela PM de Ribeirão Preto, essas mulheres são de várias regiões da cidade, inclusive da Fazenda da Juta. Articulam ações, movimentos, espaços de diálogo e festa com o objetivo de acolher, dialogar, dar visibilidade, amar e cuidar das mulheres negras lésbicas e bissexuais de todas as periferias.



2 BLOCO EUREKA (Eu reconheço o estatuto da criança e do adolescente)

Bloco de carnaval pulsando na defesa dos direitos humanos, surgido em 1991 em São Bernardo do Campo, realiza formações musicais e sociais com crianças e adolescentes, além de educadores e militantes da área da defesa de direitos. Também atuam na região de Sapopemba e São Vicente.



3 EQUIPE ALTERNATIVA L

Grupo da zona leste de São Paulo, reunidas desde 2014 na realização da Revista Alternativa L, projeto com foco principal nas lésbicas mas que também trata do público LGBTQT. Trabalham com literatura, fotografia e rodas de conversa tratando das vivências L sem um caráter fetichista, machista ou misógino.



4 COLETIVO ZOOOOM

Nasce no fim do ano de 2009, a partir da necessidade de colocar em questão as problemáticas relativas aos corpos periféricos no âmbito da sexualidade e gênero em interseção com raça e classe. Através de práticas artístico-pedagógicas, como o teatro, a dança, a performance, o vídeo ou rodas de conversa, o grupo trabalha para ler a realidade que perpassa os corpos marginalizados e expressar suas inquietações.

REALIZAÇÃO



PARCEIRO



Secretaria da
Cidadania e da
Diversidade Cultural

